

## TRÊS FAZENDAS

Mauricio Cadaval

1

Por volta de 1760, a Louisiana (hoje um estado americano) ainda era uma colônia francesa. Numa fazenda da região de River Cane, vivia Marie-Thérèse Coincoin, escrava de Marie de St. Denis de Soto, filha do fundador do povoado. Foi numa de suas visitas à fazenda que Claude Metoyer, um francês recém-chegado da metrópole, conheceu e se apaixonou por Marie-Thérèse. Logo alugou a escrava e passaram a viver juntos. Tiveram dez filhos, três dos quais morreram ainda crianças. O pároco local, Frei Quintanilla, não aceitava a situação do casal, pois, além do casamento entre senhores e escravos ser proibido por lei, a união de Marie-Thérèse e Metoyer não era reconhecida pela Igreja. Tentou por várias vezes separar o casal sem sucesso, até que conseguiu a prisão de Metoyer. Logo que foi liberado, Metoyer se apresentou às autoridades, declarou-se solteiro e sem filhos, e concedeu liberdade a Marie-Thérèse, a quem doou uma parte de suas terras. Em seguida, casou-se com uma mulher de sua cor e nível social e teve duas filhas com ela.

2

Marie-Thérèse, aos quarenta e seis anos, se viu uma mulher livre, proprietária de terras e mãe de vários escravos que não moravam com ela. Começou plantando fumo e, mais tarde índigo e algodão. Com o dinheiro que ganhou, comprou os seus filhos escravos, deu a cada um deles a liberdade e um pedaço de terra numa área ao sul da cidadezinha de Natchitoches (os americanos de hoje pronunciam “nacatiches”). Quando Marie-Thérèse morreu, em 1816, ela e seus filhos possuíam cerca de 50 km<sup>2</sup> de terras e quase 100 escravos. Isso mesmo: ela, uma ex-escrava, havia comprado um grande número de escravos. Formava-se assim uma das primeiras famílias “creoles” na América do Norte, ricos, com educação refinada e esquecidos de suas raízes na escravidão.

Durante a Guerra Civil americana, com a Louisiana já pertencente aos Estados Unidos, os descendentes de Marie-Thérèse apoiaram discretamente os Confederados. Com a vitória da União em 1864, as suas plantações, que sobreviveram à crueldade da guerra, não conseguiram sobreviver aos anos de paz que se seguiram, e as famílias “creoles” empobreceram, perderam suas propriedades e seu orgulho. Dizem que a decadência foi também cultural, pois os

descendentes de Marie-Thérèse se negavam a colocar seus filhos em escolas públicas lado a lado com os escravos libertados pela União.

3

Com o tempo, as propriedades em torno de Natchitoches foram adquiridas por famílias brancas da Louisiana e seus antigos proprietários se espalharam pelo país. A cultura “creole” caiu em esquecimento. Somente nos anos 1940, a esposa do fazendeiro que havia comprado as terras de Augustin Metoyer (filho mais velho de Marie-Thérèse que se tornara o patriarca da comunidade) empenhou-se num cuidadoso trabalho de recuperação de documentos e coleção de objetos que pertenceram à comunidade “creole” da região. A parte principal desse acervo está exposta no Museu Histórico de Natchitoches e na Melrose Plantation.

4

Fui visitar a Melrose Plantation em março de 2012. A região é simplesmente maravilhosa, com destaque para os mil tons de verde que pintam a paisagem na primavera. Sobre o gramado verde claro, arbustos floridos harmonizam o contorno das casas com a natureza. Os enormes carvalhos, austeros e imponentes, são testemunhas das histórias felizes e dramáticas que aconteceram por lá.

Melrose fica nos terrenos planos da Isle Breville, cercada por rios tranquilos e de cor verde azulada. Na área aberta à visitação fica a antiga casa grande, toda branca, e em torno dela várias instalações da fazenda, algumas originais, outras reconstruídas, inclusive habitações de escravos e de colonos. A casa grande não tem o aspecto suntuoso de muitas mansões de plantations que visitei nas áreas próximas a New Orleans. É ao mesmo tempo simples e majestosa, de dois pavimentos, quase toda em madeira, passando o mesmo sentimento de tranquilidade e harmonia que envolve o ambiente da fazenda.

Perto de lá está a encantadora igrejinha branca, construída por Augustin Metoyer e doada à comunidade rural. É uma igreja católica que abriga, ao lado, um cemitério onde estão os túmulos de várias gerações *creoles*.

A viagem de carro entre Natchitoches e New Orleans dura cerca de quatro horas. Dois dias depois embarquei para Atlanta e de lá para Brasília.



Um passeio a Pirenópolis é sempre uma experiência gostosa. Para quem não conhece, Pirenópolis é uma antiga cidade de mineração e comércio, situada no Estado de Goiás, a duas horas de carro de Brasília. Seu centro histórico é belamente ornado com casarões e igrejas do século XVIII, além de prédios de grande beleza arquitetônica, em estilos que vão desde um híbrido do colonial com o neoclássico, do século XIX, até o art-déco. Poucos dias depois que cheguei de New Orleans fomos visitar Pirenópolis, num fim de semana ensolarado. Desta vez, a novidade não estava na cidade, mas a 24 quilômetros de lá, na direção da rodovia Belém-Brasília: a Fazenda Babilônia.

A história começa com o século XIX. Joaquim Alves de Oliveira, um comerciante de Meia Ponte (antigo nome de Pirenópolis), de origem humilde, adquiriu em 1800 a fazenda que daria origem ao Engenho de São Joaquim. Nos cinco anos seguintes construiu a casa, a senzala, o engenho e outros equipamentos. O empreendimento, sobretudo de produção de açúcar, logo se tornou um modelo de organização e produtividade. Por volta de 1820, a fazenda já tinha uma área de 11 mil alqueires goianos e abrigava centenas de escravos.

A filha única de Joaquim Alves de Oliveira, Ana Joaquina, casou-se, por determinação do pai, com Joaquim da Costa Teixeira. O casal não teve filhos e Ana Joaquina envolveu-se num “dramático episódio de infidelidade conjugal”. Dramático principalmente porque o amante assassinou a mãe de Ana Joaquina.

Costa Teixeira manteve o casamento formal com Ana Joaquina, mas passou a viver com uma mulata (Eufêmia de Gouveia), ex-escrava a quem ele próprio concedera a liberdade. Com ela teve três filhos.

Falecido Joaquim Alves de Oliveira em 1851, todos os seus bens foram herdados pelo genro, pois a esposa legítima deste, Ana Joaquina, morrera antes do início do inventário. Com a morte de Costa Teixeira em 1864, o Engenho São Joaquim passou a ser propriedade de seus três filhos, que o venderam ao Padre Simeão Estelita Lopes Zedes.

Se você leu este relato desde o início, deve ter notado algumas semelhanças entre o que se passou na Melrose Plantation, de Natchitoches, e na Fazenda Babilônia de Pirenópolis. Nos dois casos, terras que inicialmente pertenciam a fazendeiros brancos foram parar em mãos de ex-escravos como resultado de um processo de miscigenação entre senhores e escravas.

Depois de algum tempo, ainda no século XIX, voltam para o domínio dos brancos. Ao falar da “propriedade de fazendeiros brancos”, estou omitindo a história de como as terras foram tomadas dos indígenas que nelas habitavam. Na Louisiana esta história está bem documentada, mas nada se sabe a respeito no caso da Fazenda Babilônia.

Mas - voltando à comparação - além da semelhança, há diferenças marcantes. Ao receber as terras e a liberdade, Marie-Thèrese Concoïn trata de cultivá-las e enriquece com essa atividade. Já os três filhos mestiços de Joaquim Joaquim Teixeira da Costa parecem não ter interesse nas atividades agrícolas e vendem a fazenda para o Padre Zedes. Digo “parecem” porque nada consta nos documentos consultados sobre esses personagens, nem mesmo os seus nomes, o que é muito significativo. A história da Fazenda Babilônia atem-se aos protagonistas mais nobres (comerciantes, comendador, padre etc.) e deixa de lado os anônimos filhos “ilegítimos”.

7

Mas, continuemos a história da Fazenda Babilônia.

Ao comprar o Engenho São Joaquim, o Padre Zedes rebatiza a propriedade com o nome de Fazenda Babilônia e dá continuidade aos negócios agropecuários de seus antecessores. Todos os proprietários seguintes são descendentes do clérigo, inclusive a dona atual, sua bisneta.

Ao comentar o fato, o guia que nos acompanha se apressa em dizer que o Padre Zedes regularizou a sua condição de pai de vários filhos (biológicos) pedindo à Igreja a suspensão de seus votos sacerdotais.

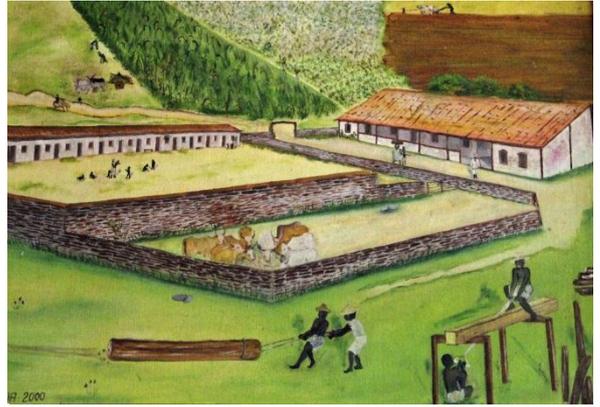
8

Uma estrada de terra liga o asfalto à casa da fazenda, atravessando o cerradão fechado. Na portaria, a funcionária simpática dá informações, cobra pela entrada (somente permitida aos sábados, domingos e feriados) e encaminha os visitantes para um jardim lateral onde está o acesso à imensa sala de visitas, conjugada com a sala de jantar.

O casarão, construído em estilo colonial paulista, foi descrito por Saint-Hilaire<sup>1</sup>, quando visitou a região em 1819: “A casa da fazenda era ao rés do chão e nada tinha de extraordinária, mas era ampla e muito bem conservada. Na frente, uma extensa varanda oferecia sombra e ar fresco em todas as horas do dia. O engenho-de-açúcar, conjugado à casa, fora construído de

---

<sup>1</sup> Biólogo e naturalista francês (1779-1853).



maneira que, da sala de jantar, pudesse ser visto o trabalho que se fazia junto às caldeiras, e da varanda, o que se passava no moinho de cana. Este último dava para um pátio quadrado. O corpo da casa se prolongava numa série de construções, que formavam um dos lados do pátio, nas quais estavam instaladas a selaria, as oficinas do serralheiro, do sapateiro, a sala dos arreios e, finalmente, a cocheira. Outro lado era construído pelos alojamentos dos escravos casados. Esses alojamentos eram cobertos de telhas e divididos em cubículos por paredes até certa altura. Um muro de adobe fechava os dois lados restantes do pátio.” À exceção do alojamento dos escravos e do muro de adobe, tudo continua lá, cômodos e equipamentos, servindo às novas funções de museu e de apoio para o lauto café da manhã colonial oferecido aos visitantes, além de serem a moradia da atual proprietária.

Localizada ao final da grande varanda encontra-se a pequenina capela que conserva o assoalho de madeira, os forros pintados com as imagens de São Joaquim e de Santana, emolduradas por elementos artísticos barrocos. O altar, estreito e ao fundo, é encimado por um pequeno nicho onde se encontra a imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre um retábulo de madeira.

9

A viagem continua pela fazenda de meu bisavô

Situada em terras de floresta na vertente esquerda do Rio Itapecuru, a doze léguas da Vila do Codó, na Província do Maranhão, a Fazenda Mata-Virgem foi formada, por volta de 1860, pelo meu bisavô paterno, Fabio Alexandrino de Matos Palhano. Tudo que sei sobre ela está no livro “Farrapos de Tempos Idos...”<sup>2</sup>, escrito por José Palhano de Jesus, primo de meu pai, que lá nasceu e viveu quando criança, de 1875 a 1888. O livro, escrito em 1933, reúne as lembranças de um menino, certamente avivadas pelos relatos de parentes mais velhos que lá estiveram e com quem José Palhano conviveu depois de adulto.

A descrição da fazenda é feita na linguagem de um engenheiro, salpicada aqui e ali por suas recordações infantis:

“O pátio da fazenda era um retângulo pouco alongado com os dois ângulos cortados no extremo oposto à casa grande, o que em rigor lhe dava a forma de um hexágono irregular, mas simétrico em relação ao eixo maior.” (...)

“O lado menor e íntegro era ocupado pela casa grande, ao centro, tendo à direita a casa do engenho e à esquerda a estrebaria seguida do curral. O lado maior da esquerda começava, em

---

<sup>2</sup> José Palhano de Jesus – *Farrapos de tempos idos...*, Ed. Casa da Moeda, Rio de Janeiro, 1950.

frente ao curral, por uma casa de varanda na frente, que por muito tempo foi casa do professor, o português de barbas longas, Sr. Augusto Leonidio. Seguiam-se uns tantos pares de ranchos conjugados para os pretos. No extremo havia um outro par, em novo alinhamento com 45 graus de inclinação e, a seguir, mais dois pares no alinhamento do pombal. Do lado direito reproduzia-se, simetricamente, a mesma coisa, com a única diferença de que a casa de varanda era substituída por um par de ranchos igual aos outros, onde morava o feitor branco (que por sinal era mulato), compadre Alfredo. O feitor preto chamava-se Ivo e era escravo. O pátio da fazenda era todo arborizado de mangueiras, no meu tempo ainda novas e pouco frondosas. Ao lado direito dele (tomada sempre a frente da casa grande para referência) ficava, no centro, a saída do caminho do açude e do poço.” (...)

“Se bem que a Mata-Virgem fosse provida também de enormes paióis de arroz e milho, situados no fundo do pátio interno da casa de engenho, por trás da eira, o principal produto da lavoura era o algodão, único que se exportava para venda. Não se vendia arroz, nem farinha, nem milho, nem fumo, nem porcos, nem carneiros. Dava-se”.

Sobre a casa grande, José Palhano nos conta o seguinte:

“Tinha a casa grande, em toda a sua frente, uma varanda coberta de telha e cercada por gradil de madeira, de largo peitoril. Para essa varanda, de terra batida, onde havia um ou dois veneráveis bancos de madeira, largos e longos, encostados à parede, davam sucessivamente as portas e janelas: do quartinho extremo que servia de loja; de dois grandes quartos de meus avós; da sala de jantar; do quarto assoalhado de minha mãe, onde dormíamos os três e onde estava a sua máquina de costura. Seguia-se o quarto dos hóspedes, muito longo e, como os demais, providos de vários armadores para as redes. Vinha finalmente a capela, já construída no meu tempo e onde assisti ao enterro do meu tio Maneco e de uma irmã de meu avô, a que chamávamos Madrinha Vitória, à imitação de minha mãe” (...).

“À direita da casa grande ficava a vasta casa do engenho, toda coberta de palha de babaçu, como a parte central da casa grande, e também com uma grande varanda de terra batida na frente”.

10

A fazenda produzia quase tudo o que necessitava para a sua atividade agrícola e para a subsistência de seus moradores. Além do plantio e colheita do algodão, cultivava-se lá o milho, a mandioca, o arroz e inúmeros outros alimentos; criavam-se animais e fabricavam-se ou fazia-se a manutenção de vários equipamentos, principalmente os de ferro, couro ou madeira. A

rotina incluía o processamento do algodão, da mandioca (farinha), do milho, do arroz; a ordenha das vacas; o abate do gado; a pesca e assim por diante. Todos esses processos são descritos detalhadamente por José Palhano que, em seu livro, acrescenta descrições interessantes das festas, rituais religiosos e costumes em geral.

Bem diferente da atual, nas áreas urbanas, a rotina de refeições das crianças na fazenda é assim descrita:

“Pela manhã, ao regressarmos do curral [*onde tomavam leite tirado das vacas*], era-nos servida a primeira refeição quente: na varanda do fundo estendiam-se no solo de barro batido duas meaçabas ou esteiras de pindoba e ali íamos sentar de pernas abertas, colocando entre elas o prato de mingau de arroz (de leite ou com leite). Eram pratos fundos, bem cheios. O mingau de leite já vinha pronto da cozinha mas o de arroz com leite era composto na esteira (...). Só havia, além do mingau, mais duas refeições quentes regulares: o almoço, creio que às dez horas, e o jantar, suponho que às 4; o que não significa que ficávamos sem comer nos intervalos. Mesmo não falando nas frutas, tínhamos a pamonha, a canjica de milho verde, o milho assado, o fubá de coco babaçu socado com farinha e açúcar, a castanha de caju, a amêndoa de tucum, o bicho de coco assado no talo de pindoba e mil outras iguarias de toda hora.”

11

Enquanto na Louisiana os descendentes de Marie-Thérèse Coincoin se defrontavam com a devastação dos seus campos de algodão, durante a Guerra Civil, por volta de 1860-1865, no Maranhão meu bisavô pensava em como tirar partido dos excelentes preços desse produto. Em meados do século XIX, a Guerra Civil reduziu a produção algodoeira no sul dos Estados Unidos, dificultando o suprimento de matéria prima para a indústria têxtil inglesa. Em consequência, os preços do algodão dispararam no mercado internacional.

Fábio Alexandrino, que cultivava as terras exauridas da Fazenda Bacabal (ou Santa Rosa) nas proximidades da Vila do Codó, transferiu-se “com a sua numerosa família, os seus vários agregados e a sua escravatura, tanto própria como arrendada” para a Fazenda Mata Virgem, provavelmente maior e de terras florestais mais férteis, para expandir os seus negócios.

Por quase duas décadas, a fazenda prosperou. Com a retomada da produção nos Estados Unidos depois da Guerra Civil, entre outros fatores, os preços declinaram e a atividade algodoeira no Maranhão entrou em decadência. O golpe final veio com a abolição da

escravatura, em 1888. A maioria das propriedades foi abandonada e as famílias dos produtores migraram para São Luiz, Parnaíba e outras cidades.

Durante o período áureo, a produtividade era garantida pela incorporação de terras férteis ao cultivo, com a derrubada constante das matas seculares, e por um método peculiar de controle do trabalho que José Palhano de Jesus descreve da seguinte forma:

“No tempo da apanha do algodão, voltavam os negros da roça, à tardinha, cada um com seu cofo [*balaio de vime*] à cabeça, ou trazido em carro de boi. Vinham chegando e depositando-os na extremidade da varanda da frente, junto à balança de enormes conchas planas, de madeira, suspensas por correntes de ferro. Caía a noite; no peitoril instalava-se um candeeiro de azeite. Compadre Alfredo, o feitor branco, presidia a pesagem. Era de 3 arrobas<sup>3</sup> a tarefa diária, mínima exigida. Punha-se numa concha o peso de ferro correspondente e na outra o cofo. Se o peso subia era o cesto pacificamente descarregado no paiol apropriado, junto ao da pluma, e o escravo estava livre até pela manhã do dia seguinte quando às 5 horas, partia novamente para a roça. Se, porém, era o cofo que subia, ai do mísero coitado! Compadre Alfredo, ou alguém por ele, aplicava-lhe ali mesmo 25 tacadas de relho cru. A cada chicotada seguia-se um gemido breve e brando, regado de lágrimas.”

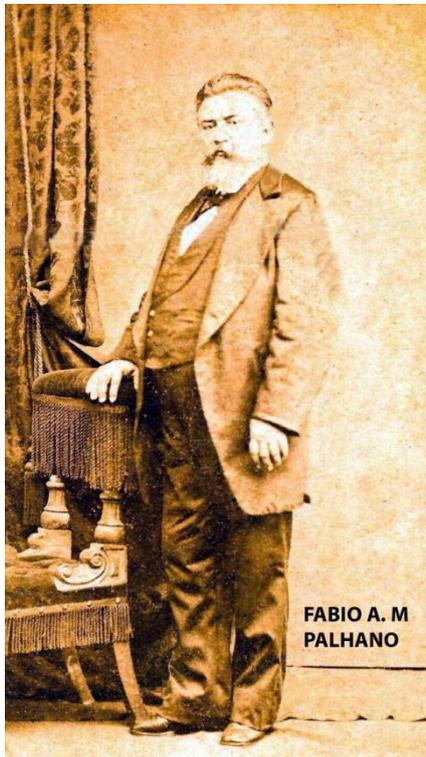
12

Luiza Benigna Carvalho Palhano (1834-1922), a esposa de Fábio Alexandrino, contraiu tifo depois de adulta, o que tornava precário o seu estado de saúde. Ainda assim, teve dez filhos e viveu até os 88 anos de idade, vindo a falecer em Belo Horizonte onde foi morar com Izabel, sua filha mais nova. Na fazenda, quem cuidava dos filhos pequenos era Luiza, sua filha mais velha que muito cedo ficara viúva. Entre eles estavam Izabel (Belinha), minha avó paterna, Delfina, Otaviano, Joaquim e Maneco, aos quais se agregavam os dois filhos da própria Luiza, Anísio e José (o autor do livro citado).

A prole de Fábio Alexandrino não se restringia aos filhos “legítimos”. Ao que parece, ele teve vários filhos com suas escravas, entre eles ao menos uma era bem conhecida, por ter acompanhado minha avó durante toda a vida: Tetê (Tereza ou Tertuliana). Esses filhos, embora escravos ou alforriados, eram tratados como empregados para serviços domésticos, escapando ao trabalho pesado na roça.

---

<sup>3</sup> Aproximadamente 45 quilos.



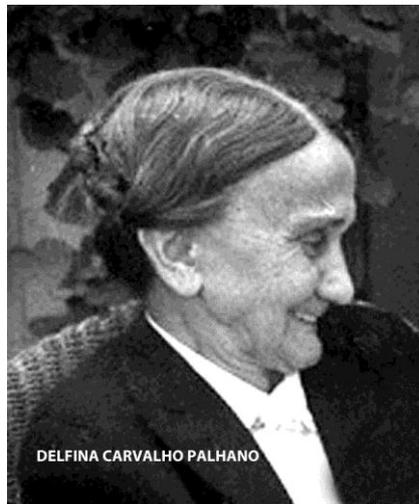
FABIO A. M  
PALHANO



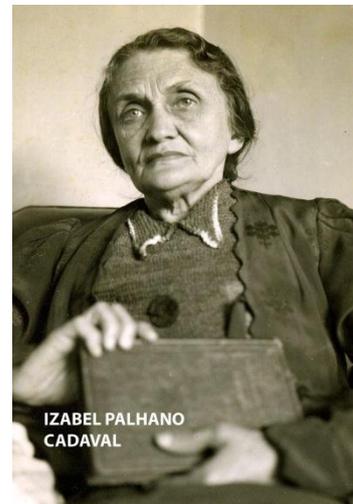
LUIZA B. C.  
PALHANO



TETÉ



DELFINA CARVALHO PALHANO



IZABEL PALHANO  
CADAVAL

Na fazenda, os filhos de Papai-Sinhô (nome que as crianças davam a Fabio Alexandrino) brincavam o dia todo com os filhos dos escravos. Todos viviam inteiramente nus até os dez anos e só então recebiam alguma roupa. As brincadeiras eram as mais variadas possíveis, indo desde o jogo de bola (com bexiga de boi inflada) até os banhos no açude.

13

Um parágrafo das memórias de José Palhano chama a atenção. É quando ele menciona o velho escravo morador da fazenda chamado ti João Concõe. Aqui me lembrei do sobrenome de Marie-Thérèse: Coincoin. Será coincidência, ou ambos têm uma raiz comum, trazida da África?

“Deve ser 9 horas da manhã. Há muito que os pretos e pretas partiram para a roça, ao romper do dia, com os seus cofos e instrumentos de lavoura às costas, depois do primeiro café. Já o velho ti João Concõe, alforriado espontaneamente pelo tempo, esteve a esquentar sol num banquinho de três pés, à porta do seu rancho e agora, curvado para a terra, marcha lentamente, caminho da fonte, com um caniço ao ombro e um cofinho à cinta.(...) Corria, à boca pequena, que ti João Concõe, altas horas da noite, virava, às vezes, lobisomem.”

14

Depois de 1888, tudo se apaga.

Fabio Alexandrino, com as finanças depauperadas e a fazenda inviabilizada pelos baixos preços do algodão e pela abolição da escravatura, fica gravemente doente, provavelmente um câncer na boca, causado pelo uso prologado do cachimbo. Abandona a Mata Virgem e muda-se com a família para a Vila do Codó. Não há registro de quando e onde faleceu, mas tudo indica que foi por volta de 1889 ou 1890, quando tinha algo em torno de 70 anos.

Nessas alturas, os filhos mais velhos já estudavam ou trabalhavam em São Luiz, Parnaíba ou no Rio de Janeiro e é para um desses lugares que os mais novos, pouco a pouco, vão se mudando e construindo novos destinos. Minha avó paterna, por exemplo, muda-se para São Luiz, casa-se com um oficial da Marinha nascido na cidade de Rio Grande, extremo sul do País, e vai se fixar, primeiro no Rio de Janeiro e depois, já viúva, em Belo Horizonte.

Apagam-se, com a chegada do século XX, as memórias de José Palhano de Jesus sobre a sua família de origem. Saindo adolescente da Mata Virgem, ele vai estudar no Rio de Janeiro e lá constitui família e consolida sua profissão de engenheiro. O livro continua – interessante como sempre – mas focado nas lembranças do seu tempo de estudante na capital do País.

Pensei em voltar à região de Codó para dissipar as nuvens que envolvem tanto as origens da família Palhano, quanto o destino da fazenda Mata Virgem depois da morte do meu bisavô. Na incerteza do que poderia encontrar lá, recorri a pesquisas pela internet.

O quadro não é muito animador. A região é, hoje, um território marcado pelo conflito em torno da propriedade de terras, com muitos episódios de violência e morte. O que no passado teria sido a Fazenda Mata Virgem ou parte dela parece ser posse de um político maranhense, acusado, ironicamente, de explorar trabalho escravo. Movimentos de sem-terras e quilombolas reivindicam a desapropriação das terras pelo Governo Federal e sua redestinação, dentro de um ambiente tenso e violento.

Imaginei-me em Codó, fazendo perguntas sobre uma propriedade em litígio e como as pessoas interessadas reagiriam. Alguma chance de obter respostas construtivas? O caminho talvez seja o de rodear o tema à distância até encontrar uma alternativa segura de abordá-lo *in locu*. É o que pretendo fazer, se a vida me der tempo e saúde.

Quem sabe um dia a Mata Virgem, com sua história e seus personagens, será aberta ao público como o foram a Melrose Plantation, na Louisiana, ou a Fazenda Babilônia, em Goiás?

Brasília, 21 de junho de 2012.